

AU11 129

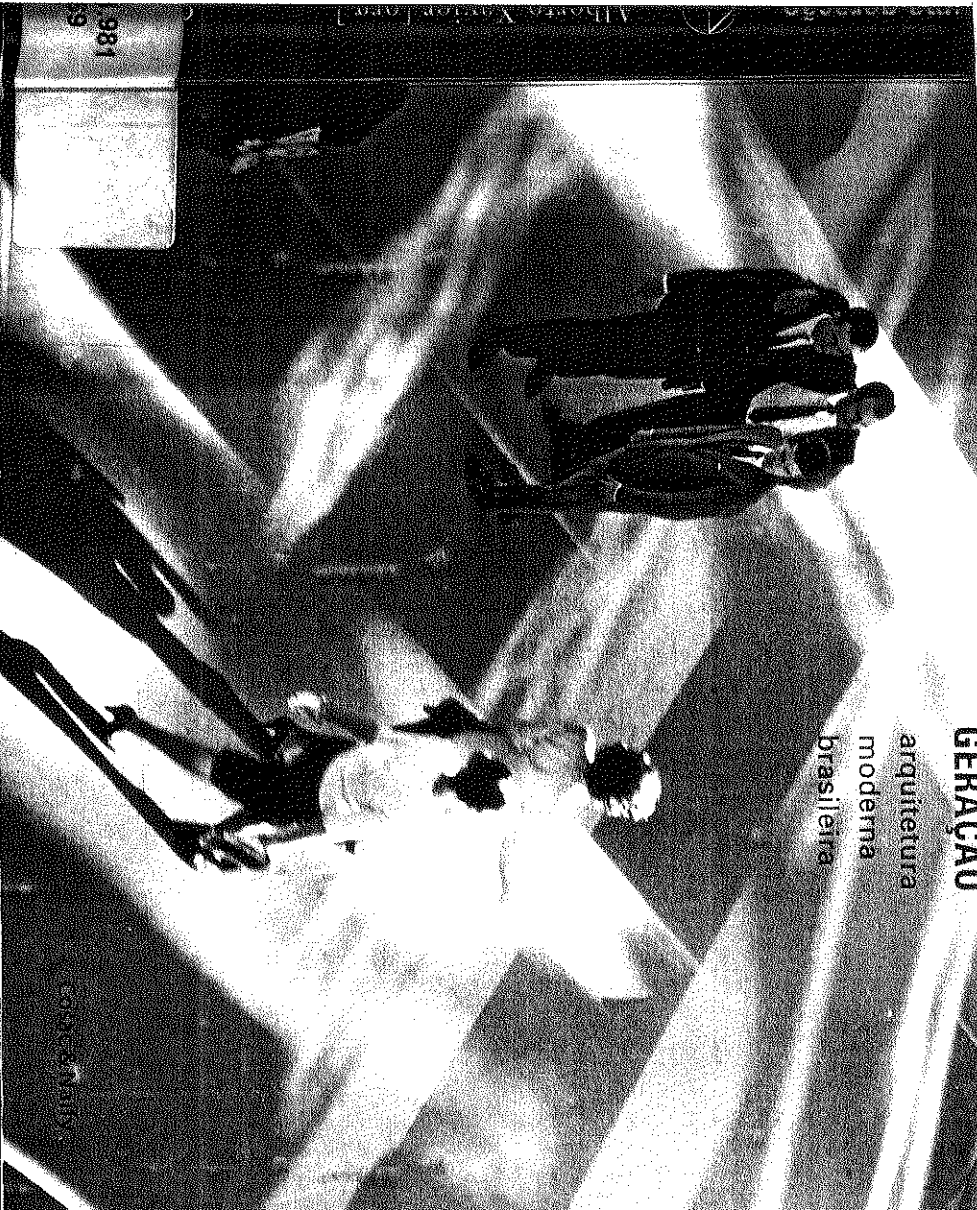
SEMINÁRIOS 2 e 3

* DEPOIMENTO DE UMA GERAÇÃO

158 - 163	Max Bill	} Sem. 2
163 - 166	Bruno Zevi	} Sem. 3
166 - 169	Ernesto N. Rogers	
184 - 188	Oscar Niemeyer	
238 - 240	Oscar Niemeyer	

organizado por
Alberto Xavier

**DEPOIMENTO
DE UMA
GERAÇÃO**
arquitetura
moderna
brasileira



981

por Henrique Mindlin. Trata-se de um princípio de composição transposto da pintura moderna para a natureza viva.

Espero que este livro ajude o mundo a ter uma melhor imagem do que aconteceu no Brasil durante as duas décadas mais importantes de seu desenvolvimento arquitetônico.

1 Refere-se à anual Ora, que integra o conjunto arquitetônico do Parque Ibirapuera, inaugurado em 1954. [No.]

131 MAX BILLI

O arquiteto, a arquitetura, a sociedade

Pretendo falar francamente, sem no entanto recair na crítica destrutiva, nem questionar os remarcáveis sucessos da arquitetura brasileira. Em especial, o famoso conjunto Pedregulho no Rio de Janeiro, obra plenamente bem-sucedida tanto do ponto de vista social quanto de arquitetura e urbanismo. Minhas observações devem ser entendidas como de alguém que é admirador e amigo sincero do Brasil.

Quando aqui cheguei, os jornalistas imediatamente me cercaram, indagando-me sobre questões que, para alguém nessa condição, não eram nem um pouco fáceis de responder. "O que você acha da arquitetura brasileira?", "O que você acha da arte brasileira?", perguntavam, quando eu, na verdade, só as conhecia através de publicações, que, com frequência, podem nos dar uma impressão distorcida.

Talvez fosse, de fato, precipitado de minha parte falar francamente sobre as impressões que me causou a arte brasileira, especialmente com relação à arquitetura. Quando fui convidado, julguei que seria útil falar sobre arte e sobre arquitetura como arte. Tal abordagem poderia soar bastante gentil e agradável a todos vocês; mas, depois do que tive oportunidade de ver aqui, teria sido levado a dizer-lhes coisas que poderiam causar muita incompreensão. Se eu tivesse falado, como poderia fazê-lo na Europa, de questões artísticas e da beleza de um ponto de vista da defesa da arte contra o racionalismo puro, poderia parecer que estava defendendo o mais terrível dos academicismos.

Dirijo-me especialmente aos estudantes, futuros arquitetos do Brasil, pais com um ritmo de obras que supera os limites da imaginação, onde a necessidade de construir tem uma importância primordial, onde são vocês os responsáveis por moldar a fisionomia das cidades do amanhã.

O que cabe então dizer a vocês? Descartadas belas obviedades, falarei francamente sobre o papel do arquiteto e sobre a arquitetura brasileira. Será,

portanto, uma crítica. Como fui convidado oficialmente, abordarei questões que poderão ser úteis ao futuro de seu país, coisas que aqui observei. Dentro de dois dias partirei; talvez meu avião se espante nos Andes, Serjei, então, franco e despijo de formalidades. Ficaria desgostoso comigo mesmo se não afirmasse que a arquitetura brasileira corre o risco de cair em um perigoso academicismo anti-social.

Pretendo então falar da arquitetura como arte social; uma arte que não pode ser descartada simplesmente porque, num determinado instante, o "estilo" mudou. Simplesmente porque descartar interesses que envolvem milhões ou bilhões não é tão fácil quanto descartar umas tantas telas ou esculturas consideradas ruins ou medíocres.

Comecemos, então, analisando aqueles elementos da arquitetura brasileira que mais chamam atenção. Identifiquei quatro, importantes porque materializam o que chamarei de "espírito acadêmico modernizado". Assemelham-se grosseiramente àquelas colunas dos templos gregos transformadas em renascimentistas e, depois, nas assim chamadas "clássicas". Tornaram-se meras fórmulas, aplicadas sem reflexão ou razão. Eis a primeira delas.

Forma livre, forma orgânica ou planta livre. A liberdade da forma nasceu com o art nouveau, mas foi introduzida na arte moderna por Kandinsky, em suas pinturas, por volta de 1910. Agora tem sua expressão típica na obra de Hans Arp, que, em seus harmoniosos relevos e esculturas, vem seguindo há algumas décadas estes princípios. A todo momento, na Europa, nos deparamos com aplicações dessa concepção formal na decoração, nos tecidos, na publicidade e nos horripíeis estandes de exposições.

Credita-se a Le Corbusier a introdução da forma livre no paisagismo e na arquitetura; nesta, através de paredes curvas e terraços-jardim. Também a introduziu, mais tarde, no urbanismo, com o plano para a cidade de Argel, no norte da África. Não que fosse ele o primeiro a ter essa ideia: já no século XVIII dois bairros importantes da cidade de Bath tinham sido planejados mais ou menos dentro desse espírito.

A forma livre, de fato, pode ser útil quando se trata de atender a uma função, como, por exemplo, a de tornar um edifício mais útil. Mas isso é exceção. Hoje, muitas das aplicações da forma livre são puramente decorativas. Como tal, elas nada têm a ver com a arquitetura séria.

O segundo elemento é a cortina de vidro. Eis sua história: em 1910, Walter Gropius construiu uma fábrica, em 1914, um escritório e, em 1926, a Bauhaus, todos esses edifícios com fachadas inteiramente envidraçadas. Viraram moda. Mais do que qualquer outro, Le Corbusier também começou a fazer edifícios com fachadas de vidro, mas sua obra e as elegantes criações de Mies van der Rohe evidenciaram que a solução era inadequada sem o emprego do ar condicionado e de serviços de manutenção cuidadosos.

Então, para proteger as superfícies envidraçadas quando a insolação e a claridade excessivas se tornaram insuportáveis, Le Corbusier inventou um terceiro elemento, o *brise-soleil*. Hoje, ele é aceito como um complemento indispensável para a mania das cortinas de vidro. Não se cogita mais atender às condições variadas, procurando novas soluções. Aqui mesmo em São Paulo, há exemplos do emprego de *brise-soleils* nas quatro fachadas de um edifício.

O quarto elemento desta assim denominada arquitetura moderna é o *pilotis*. Nos últimos anos, ele variou um pouco, conforme a "última moda parisiense", ditada pelo escritório de Le Corbusier.

Antes de visitar o Brasil eu pensava, como muitos arquitetos da guarda europeia, que a solução de Le Corbusier de levantar os edifícios sobre pilares, eliminando os pátios internos, fosse a solução ideal para as cidades do futuro. Um exemplo que sempre foi considerado bem-sucedido seria o famoso Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, no qual Le Corbusier colaborou como arquiteto consultor, e cuja concepção é típica das ideias por ele preconizadas. Mas mesmo antes de vir ao Brasil, tinha algumas dúvidas persistentes sobre esses princípios de planejamento urbano que eu mesmo propagara com entusiasmo. Notei que os pátios internos, que essa concepção de Le Corbusier eliminava, desempenhavam algumas funções, como a de tranquilidade, as quais se perderiam na mudança. Há que ponderar, de um lado, a questão de concentrar a circulação dos pedestres e, de outro, a quietude dos antigos pátios internos.

Além disso, foram gerados graves problemas de ventilação e climatização, além dos de iluminação e proteção contra o sol. Estudei este problema, que pode não ser muito importante em países europeus como Suíça, Alemanha e Suécia, mas que se torna crucial na Itália, Espanha ou no sul da França, onde constatei que o pátio interno desempenha um papel que não pode ser cumprido por outra solução alternativa.

Devemos, portanto, procurar formas novas, adequadas às condições sob as quais vivemos, tirando partido das virtudes dos pátios enquanto nos livrarmos de seus defeitos. Seria um recurso mais adequado que substituí-los por edifícios em forma de "caixas sobre pilares". Esta observação implica uma crítica incidental ao famoso Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, edifício que não se pode considerar como concebido de acordo com as condições do país. Isso não significa falta de respeito pelos arquitetos responsáveis, mas me sinto compelido a manifestar meu ponto de vista de que eles incorreram no erro de aplicar uma doutrina inadequada ao seu país, sem as correções necessárias. Não estou dizendo que sei a resposta adequada, mas é parte da tarefa de um arquiteto tentar buscar as soluções mais adequadas para seus próprios países. Na ausência disso, só se pode falar de uma perigosa tendência acadêmica.

Inicialmente os pilóis eram retos, mas agora assumem formas muito bar-

rocas. Num primeiro momento, podem chamar a atenção, parecer bastante engenhosos, mas são meramente decorativos. Eis um exemplo.¹ Visitei, aqui em São Paulo, um edifício em construção cujo emprego dos pilóis foi levado a extremos que se suporiam impossíveis. Nela, vi coisas chocantes, a arquitetura moderna decando às profundezas, turbulento desperdício anti-social, sem respeito tanto com o comerciante quanto com o público. Tendo visitado somente os dois primeiros andares, não sei se as cortinas de vidro e os *brise-soleils* serão empregados no restante do edifício. De qualquer modo, isso ilustra para mim o uso mais abusivo possível da liberdade formal e o mais fantástico emprego dos pilóis. Estamos diante do supra-sumo da anarquia na construção, da floresta virgem no pior sentido.

Escolhi deliberadamente o exemplo de um edifício em construção porque ele parece feito sob medida para os sofisticados examinarem-no e todos vocês poderem visitá-lo. Não é um caso hipotético, mas concreto, real. Sua lição é que, caso não reflitam cuidadosamente sobre as responsabilidades do arquiteto para com o homem e a sociedade, vocês podem incorrer em erros semelhantes, pois, de fato, à primeira vista, tal arquitetura pode parecer revolucionária e ser festejada como uma obra de arte.

Logo na entrada do prédio nos deparamos com uma espantosa miscelânea de sistemas construtivos. Pilóis grossos, pilóis finos, pilóis de formas estapa-fúrdias, desprovidos de qualquer ritmo ou razão estrutural, dispostos por todo lado. Também paredes executadas inteiramente de concreto armado, entrecortando-se com as colunas e roubando-lhe toda forma e sentido. Trata-se da maior desordem que já presenciei.

Fica-se estupefato de ver uma barbárie como essa irromper num país onde há um grupo do CIAM, num país em que acontecem congressos internacionais de arquitetura moderna, onde uma revista como a *Habitat* é publicada e onde se realiza uma bienal de arquitetura. Pois tais obras nasceram de um espírito desprovido de qualquer decência e de qualquer responsabilidade para com as necessidades humanas. É o espírito decorativo, algo diametralmente oposto ao espírito que anima a arquitetura, que é a arte da construção, arte social por excelência.

Estreango ao imaginar que até entre vocês possa haver alguém atraído por esse espírito. E como meu objetivo é protegê-los de tais erros, vou explicar em poucas palavras no que consiste o papel do arquiteto. Se apenas um ou dois de vocês compreenderem o que vou falar, ficarei feliz, sabendo que esses um ou dois se engajarão na luta por uma arquitetura verdadeiramente moderna, íntegra e útil para a sociedade.

O papel do arquiteto na sociedade de hoje é tornar os ambientes habitáveis e harmoniosos. É o arquiteto quem coordena as múltiplas necessidades e atividades do homem. É ele quem unifica a forma de funções amplamente

diversas, como abrigo, trabalho, recreação. Se é nosso desejo que a sociedade viva de modo diverso das formigas, cujo formigueiro tenha sido destruído, cabe a nós, arquitetos, dar novas respostas às suas necessidades.

Mas qual a nova forma estruturadora que estamos procurando? Seria aquela caracterizada pela forma livre, *pilotis*, *brise-soleils* e cortinas de vidro? Tem que ser tão fotogênica e espetacular assim? Não creio. A arquitetura não é algo para durar poucos anos; ela deve sobreviver às gerações. Vocês podem lembrar dos excessos arquitetônicos do passado e rir quando olhar prédios como, por exemplo, a Prefeitura de São Paulo? Mas qual a razão de edifícios como esse nos parecerem engraçados, se não reagimos da mesma forma quando nos deparamos com um edifício singelo como os que os pioneiros do seu país costumavam construir? Precisamente porque, no primeiro caso, o arquiteto e seu cliente não resistiram à tentação de fazer um edifício espetacular, enquanto o pioneiro fez o edifício que melhor atendia às suas necessidades.

Vocês podem considerar meu ponto de vista muito limitado, e que aquela arquitetura que alcança o mais alto grau de funcionalidade pode ser extremamente árida. Vocês poderão argumentar, talvez, que a arquitetura é também arte, uma arte movida pelo desejo de se auto-expressar e de impregnar os edifícios com valores artísticos.

Mas não é essa a função social do arquiteto. O arquiteto que assim agirá cairá no ridículo. Este ponto de vista resulta de um erro: o de considerar a arte de construir como algo diferente da arte de desempenhar um determinado papel útil na sociedade. Também do erro de supor que uma arte, e particularmente as artes plásticas, deve consistir no que é graciosamente designado pelo termo "expressão individual".

Isso não é nem arte nem arquitetura. A arte consiste em tornar uma idéia tão clara e objetiva quanto possível, através dos meios mais adequados. Uma obra de arte deve traduzir essa perfeição, deve expressar tal harmonia, de modo a impossibilitar seu autor de alterar-lhe ou acrescentar-lhe qualquer detalhe.

Quanto à arquitetura, o resultado deve, além disso, ser tão funcional quanto possível. A beleza da arquitetura alcança a perfeição quando todas as suas funções, sua construção, seus materiais e seu projeto estão em perfeita harmonia. A boa arquitetura é aquela onde cada elemento desempenha sua função específica e nenhum deles é supérfluo. Para tanto, o arquiteto deve ser um excelente artista. Um artista que não precise chamar a atenção apelando para extravagâncias; alguém que, acima de tudo, esteja ciente da responsabilidade com relação ao presente e ao futuro.

Tal arquiteto, quando realizar qualquer obra, elaborará uma planta, escolherá um detalhe ou decidirá sobre o mais trivial pormenor relativo a seu edifício, sempre se perguntará: "será que, ao vê-lo de novo daqui vinte anos, fica-

rei incomodado com o que fiz?". Continuamente, visualizará como os homens agirão e se comportarão em seu edifício. E sempre será severo consigo mesmo. Não estará preocupado em impressionar seus colegas ou o público, tampouco com a beleza da publicação de seu projeto. Não: seu guia será, com toda modestia, o serviço que estará prestando à sociedade.

Por fim, sinto que há no Brasil suficiente potencialidade criativa para levar a arquitetura das amarras dos princípios supérfluos, princípios acadêmicos que não são válidos aqui. Acreditio no seu próprio poder de criar uma arquitetura verdadeiramente moderna, adequada às suas esplêndidas condições naturais e às suas potencialidades econômicas.

Minha palavra final é que vocês devem sempre ter em conta os verdadeiros princípios subjacentes à arquitetura moderna: primeiro, um arquiteto deve acima de tudo ser modesto e claro. A arquitetura é uma arte quando todos os seus elementos — função, construção, forma — estão em perfeita harmonia. Segundo, a arquitetura é uma arte social. Como tal, deve estar a serviço do homem.

[Palestra realizada em 9 de junho de 1953 no recinto da FAUUSP.]

1 Refere-se ao edifício Galeria California, à rua Barão de Impepiniga (SP), projeto de Oscar Niemeyer, identificado por Eduardo Corona no artigo "O testamento tripartido de Max Bill", publicado na revista *SP-Arquitetura e Decoração* n. 4, mar-abr, 1954. [No.]

2 Refere-se a edifício eclético projetado por Samuel das Neves, situado no flanco leste do vale do Anhangabaú, local hoje ocupado pela edifício Barão de Vista Alegre. [No.]

162 BRUNO ZEVI

A moda lecorbusiana no Brasil

Alguém já deveria ter dito aos brasileiros, sem papas na língua, sem medo de parecer um estraga-prazeres e de quebrar o encantamento de uma arquitetura "orgiasticamente livre, transbordante de vitalidade, incriveiramente fantástica", tentativa extrema de legitimar uma poética dos arranha-céus de vidro que há tempos perdeu a batalha europeia e norte-americana. Há dez anos, apontando o dedo para o famoso Ministério da Educação no Rio de Janeiro, o International Style procura no Brasil a compensação para os próprios fracassos. Cada vez que se constata a crise dos cubos volumétricos, dos *pilotis*, das fachadas envidraçadas, dos *brise-soleils*, enfim, dos vãos clichês lecorbusianos nos Estados Unidos, na Inglaterra, nos países escandinavos, até na França e na Suíça, ouvimos repetir os racionalistas, e, em nome deles, seu apóstolo Siegfried Giedion: "mas no Brasil..."